

# V COLÓQUIO DE PESQUISA EM DESIGN E ARTES

5, 6 e 7 de novembro 2025

## **ENCANTAMENTO EM DESIGN: PERSPECTIVAS REGENERATIVAS EM CRUZO AO PENSAMENTO DE TERREIRO**

Candomblé; Espiritualidade; Design.

**Leandro Tiago Ferreira;** Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro; Caruaru, Pernambuco, Brasil;  
leandrotiago555@gmail.com;

### **1. Abre-caminho, ou introdução**

Este resumo expandido pretende abordar formas regenerativas de design, fundamentadas nas epistemes dos povos de terreiro, a partir de suas cosmovisões e do encantamento. As reflexões empreendidas emergem da cartografia traçada durante a dissertação de mestrado “Educação Estética Afrodiaspórica: sensibilidades e imaginário nos saberes do Candomblé Jeje-Mahi no Terreiro T'Aziry Ladè, Caruaru-PE”. Fundado em 1987, na região do Morro Bom Jesus, o Terreiro é força-motriz da curiosidade epistêmica (Freire, 2021) impulsionadora da criação científica dotada de encantamento.

Este trabalho objetiva compreender possíveis contribuições dos saberes, modos de viver e do pensamento em terreiro ao paradigma regenerativo (Wahl, 2020) em design, a partir do encantamento (Simas; Rufino, 2020). As reflexões são pautadas na pergunta “Como as práticas e saberes do candomblé constituem um panorama regenerativo que pode ser assimilado ao design?”.

A relevância desse estudo é reiterada pela necessidade de conceber um pensamento regenerativo em design além dos saberes eurocentrados, a contemplar as formas de saber, ser e viver dos espaços subalternizados. Entre as periferias do saber hegemônico, as perspectivas de terreiro podem auxiliar na constituição do encantamento do design.

Para o cultivo desse trabalho, a atitude cartográfica situa as trocas tecidas com os saberes do Terreiro T'Aziry Ladè, a ressaltar o caráter de mútua afetação entre campo e pesquisador. Originalmente referente ao registro geográfico das paisagens por intermédio do desenho, recorreremos ao conceito de cartografar enquanto atitude de pesquisa, para proporcionar o mapeamento não-planificado das micropolíticas entre territórios, sujeitos e suas subjetividades (Rolnik, 2006), a conceber mapas sensíveis.

Interseccionamos design e pensamento regenerativo a partir do encantamento pelo cruzo entre epistemes acadêmicas e saberes dos povos de terreiro. Buscamos evidenciar saberes e práticas insurgentes, desde o pensamento de terreiro e a materialidade do sagrado, para pensar formas de design que não se restringem ao produtivismo. O encantamento proposto pretende compreender o design de modo relacional e plural, em diálogo com formas de ser e saber insubmissas às colonialidades.

## **2. Design: entre a síncope e o cruzo**

O design é atravessado por três instâncias: o ser, a necessidade e o objeto (Bonsiepe, 1997), e, conseqüentemente, desempenha a mediação nas interações entre seres e seus contextos. Todavia, quando capturado pela competitividade industrial, o design é reduzido a instrumento de manutenção da economia capitalista (Matias, 2014), servindo para homogeneizar práticas, saberes e vivências não-hegemônicas, para a perpetuação dos sistemas econômicos e sociais vigentes.

Retomamos a cadência dos tambores do candomblé, ritmada pela quebra de compasso, denominada síncope (Simas; Rufino, 2018), para propor a ruptura com o pensamento eurocentrado. Por sua vez, o cruzo proposto (Simas; Rufino, 2018) pretende a associação entre as epistemes de terreiro e de outros campos, assim como o design, a conceber aproximações. Assim, retomamos o encantamento como percepção da vida e da natureza como expoentes da pluralidade dos seres, em suas dimensões ecológicas, políticas e sensíveis (Simas; Rufino, 2020).

Recorreremos ao encantamento para a subversão dos mecanismos de exclusão, apagamento e morte impostos aos saberes não-hegemônicos, pois esse paradigma atua como resposta às políticas de exclusão e morte – simbólica ou literal – impostas aos corpos

subalternizados, cujas lógicas se sustentam na marginalização, no vilipêndio e na normatização (Simas; Rufino, 2020). Esse aporte reitera a assimilação de conhecimentos subalternizados em campos que lhes foram negados.

Esse movimento reitera a potência de subversão às colonialidades, relativas à exclusão de indivíduos e grupos subalternizados. Essas violências são fundamentadas em aportes múltiplos, tais quais a colonialidade do poder, do saber e do ser, referentes, respectivamente: à diminuição repressiva do agenciamento dos sujeitos, o apagamento de seus saberes e à subalternização dos corpos e grupos desviantes à hegemonia (Mignolo, 2017). Em contraponto, o encantamento é uma estratégia estético-política de contato entre os seres, em valorização dos ritos, da comunidade e do tempo partilhado.

Notamos as correlações dessa forma de ser e estar no mundo ao pensamento regenerativo, paradigma de relacionalidade com a natureza além da sustentabilidade, que pretende não apenas minimizar os impactos negativos das ações humanas, mas restaurar e fortalecer sistemas vivos, naturais, sociais e culturais (Wahl, 2020). Todavia, ressaltamos que a definição de “vivo” desse conceito não está associada somente ao “portar vida”, mas a sustentá-la (Wahl, 2020), a exemplo dos rios, que comportam a vida de seus ecossistemas. Esse pensamento se aproxima das definições de vida no candomblé, que considera a ancestralidade viva, muito embora os seres que a integram sejam não-vivos (Sodré, 2017). Igualmente, a ancestralidade é responsável por encantar a vida, devido à sua potência de produzir afetações entre corpos e dimensões espirituais.

Um design regenerativo, atento às práticas de não-hegemônicas, tece relação com a observação e incorporação de outras formas de lidar com seres e a natureza. A partir da integração aos saberes do candomblé no Terreiro T’Aziry Ladè, propomos considerar possíveis contribuições do encantamento ao design, ao abordar formas regenerativas desde os saberes ancestrais cultivados em terreiro.

### **3. Incorporações ao encantamento, ou resultados e discussões**

O design, habitualmente associado à resolução de problemas e soluções mercadológicas, é marcado por lógicas de eficiência, controle e produtividade. Contudo, diante das crises sociais, ecológicas e epistêmicas contemporâneas, urge repensar esse

# V COLÓQUIO DE PESQUISA EM DESIGN E ARTES

5, 6 e 7 de novembro 2025

campo como prática situada. Dessa forma, o pensamento regenerativo (Wahl, 2020) oferece o reconhecimento da interdependência entre seres e natureza, enquanto o encantamento (Simas; Rufino, 2020) opera como uma potência que reintegra o corpo ao sagrado e à ancestralidade, em prol da produção de afetação entre esses.

O encantamento é uma luta contra a morte em suas diversas instâncias: da natureza em prol da manutenção do capitalismo, dos saberes e corpos subalternizados pela dominação colonial, e, por fim, da imaginação sensível, substituída pela eficiência e a racionalidade (Simas; Rufino, 2020). Nesse sentido, o encantamento propõe ao design um deslocamento ontológico da restituição do ato criativo à dimensão integrativa da relacionalidade e vitalidade com a ancestralidade.

No Terreiro T'Aziry Ladè, o contato com a ancestralidade mobiliza afetos e encantamento desde o ciclo anti-horário do xirê: ao chegar em território humano, as divindades dançam em inversão ao tempo do progresso ocidental, em direção ao tempo da ancestralidade. A integração entre passado, presente e futuro não é mero culto à memória, mas estratégia de resistência que reitera práticas regenerativas a partir da reciprocidade entre seres humanos e não-humanos.

O ato criativo em Terreiro subverte a interdependência entre consumo e escassez característica do capitalismo: se a produção capitalista versa em torno da escassez atribuída a alguns grupos para que outros possam consumir, nas religiões de matriz africana, a criação é pautada na intencionalidade que ressalta os aspectos sagrados da natureza que constituem os artefatos sacros. Uma vez que a natureza é manifestação do sagrado e seus elementos são portadores de potência vital, de axé, a manipulação da matéria não configura um ato de domínio sobre a natureza, mas uma expressão de atravessamento entre as potências humanas e não-humanas, em cocriação.

Assim, em elementos materiais, como indumentárias, artefatos e instrumentos, estão imbuídas características da efervescência de saberes afrorreligiosos e desdobra-se uma estética da presença (Simas; Rufino, 2018), que atua como agente do encantamento. Durante as festas em terreiro, corpos subalternizados se revestem de camadas materiais do sagrado e reivindicam suas identidades tal qual expoentes de histórias apagadas pelos paradigmas coloniais, a borrar fronteiras estéticas, políticas e epistêmicas.

# V COLÓQUIO DE PESQUISA EM DESIGN E ARTES

5, 6 e 7 de novembro 2025

Encantar o design reitera o deslocamento à produtividade capitalista e da pseudoneutralidade técnica, para que artefatos não sejam meros produtos e possam ser compreendidos como expressões materiais de vínculos. O encantamento do design reitera a integração entre o ato criativo e suas dimensões espirituais, a ressaltar atravessamentos entre criação e ancestralidade associados à materialidade viva dos territórios, as histórias e os saberes situados.

Pensar o design a partir do paradigma regenerativo do encantamento é propor um deslocamento ontológico. Trata-se de abrir encruzilhadas para práticas que não apenas concebem outros futuros, mas concernem ações em curso nos territórios de resistência, nas quais o fazer é rito, o tempo é espiralado e o mundo é habitado por presenças que ultrapassam a lógica do utilitarismo. Esse design se compromete com a regeneração dos vínculos, com a valorização dos saberes plurais e o reconhecimento de modos de existência cultivadores de outras formas de criação.

## 5. Conclusões

O encantamento é uma estratégia de articulação entre seres humanos e não-humanos que ressalta formas de coexistência determinantes às práticas do Terreiro. Esse paradigma reitera o cruzo como prática de coexistência e instaura um pensamento que não segrega o sagrado da materialidade, nem de sua pluralidade. Nesse cruzo, emerge uma abordagem de design comprometida com a integração entre materialidade, espiritualidade e ancestralidade, capaz de sustentar modos de existência que resistem às lógicas coloniais e promovem a regeneração. Ao nos inserirmos nos contextos do sagrado afrobrasileiro, suas práticas cotidianas e expressões materiais, evidenciamos relações e uma ética do cuidado pautada na resistência. Além dos parâmetros coloniais de eficiência, função e consumo, e, à revelia desses, essas formas de existências resistem em encantamento. Pensar na regeneração do design a partir do encantamento implica reconhecer que o fazer desse campo também pode ser rito, gesto ancestral, afeto e escuta.

## REFERÊNCIAS

# V COLÓQUIO DE PESQUISA EM DESIGN E ARTES

5, 6 e 7 de novembro 2025

BONSIEPE, Gui. **Design**: do material ao digital. Florianópolis: FIESC/IEL, 1997.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 68. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2021.

MATIAS, Iraldo Alberto Alves. **Projeto e revolução**: do fetichismo à gestão, uma crítica à teoria do design. 2014. Tese (Doutorado em Sociologia). Universidade Estadual de Campinas, 2014.

MIGNOLO, Walter. Colonialidade: o lado mais escuro da modernidade. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. Rio de Janeiro, v. 32, n. 94, jun. 2017.

ROLNIK, Suely. **Cartografia Sentimental**: transformações contemporâneas do desejo. 2ª ed. Porto Alegre: Sulina, Editora da UFRGS, 2006.

SIMAS, Luiz Antonio; RUFINO, Luiz. **Fogo no mato**: a ciência encantada das macumbas. Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2018.

SIMAS, Luiz Antonio; RUFINO, Luiz. **Encantamento**: sobre política de vida. Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2020.

SODRÉ, Muniz. **Pensar Nagô**. Petrópolis: Vozes, 2017.

WAHL, Daniel. **Design de culturas regenerativas**. Rio de Janeiro: Bambual Editora, 2020.